



Feminicídio negro: entre o silêncio e o pedido de ajuda

Sirlene Margarida Pedro [1]

Débora Alessandra de Souza [2]

RESUMO

As notícias, quase diárias, veiculadas pela imprensa tradicional sobre a violência doméstica contra as mulheres, no Brasil, nos motivaram a aprofundar o assunto. Em todos os territórios brasileiros evidenciamos estatisticamente um crescimento assustador da violência contra a mulher. O Atlas da Violência 2025 divulgou que a letalidade feminina se tornou um problema público grave. Em 2023, o percentual de mulheres negras mortas girava em torno de 68,2%. Segundo o IBGE, a classificação “negras” inclui pessoas pretas e pardas. A violência contra a mulher é considerada crime no Brasil desde a década de 90; isso significa que, antes desse período, não era legitimado como um ato proibido, inadequado ou criminoso. A agressão contra a mulher era considerada algo natural dentro do contexto social, principalmente quando se tratava de mulheres negras e periféricas. Olhando para o processo colonial observamos no feminicídio uma estrutura escravagista que se estende à contemporaneidade, onde a dinâmica de poder sobre os corpos femininos perpassa pela ótica de docilizá-los e silenciá-los para que sejam subservientes ao poder masculino. O Sociodrama como uma abordagem científica que trabalha a matriz de identidade, possibilita a realização de jogos de papéis e, assim, estimula a criatividade e a espontaneidade, criando condições para a mulher reelaborar seu papel social e romper com o silêncio forçado pela opressão masculina e mantido pelo racismo estrutural. É uma ferramenta potente para desenvolver na mulher a ressignificação da própria história, rematizando suas experiências de dor e silenciamento em benefício da sua existência e bem-estar. Com o objetivo de compreender o silenciamento da mulher negra e estimular a criação de saídas com instrumentos sociopsicodramáticos para que não permaneça em um papel conservado socioculturalmente e se mantenha em um ciclo recorrente de agressões físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e morais até chegar a óbito. Por meio de recursos pedagógicos, teóricos e vivenciais, à luz da Socionomia, trazemos tratativas que reafirmem a potência das mulheres não brancas de acessar sua essência criativa e espontânea para superar seus medos e dar um basta à violência doméstica. Utilizaremos nas etapas dos aquecimentos inespecíficos e específicos exercícios de expressão corporal, jogos e inversão de papéis, disparadores temáticos como: frases, slides e imagens, avançando para a dramatização, o compartilhar e o processamento. Espera-se facilitar a reflexão sobre os papéis femininos, incentivar o compromisso individual contra o feminicídio negro e ações de enfrentamento que se baseiam na valorização e no fortalecimento da mulher.

Feminicídio negro. Violência. Sociodrama. Racismo. Brasil.

1.MBA Gestão Estratégica de Pessoas (Centro Universitário UNA), Psicodramatista Didata no Foco Socioeducacional (IMPSI), Psicóloga (Unicentro Newton Paiva), e-mail: sissi.pedro@gmail.com
2.Mestre no Ensino da Saúde e do Meio ambiente (ANHANGUERA), Psicodramatista Didata em Formação Nível II (IMPSI), Psicóloga (Faculdade Maria Thereza - FAMATH), Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4265-2881>, email: deboraalesouza@gmail.com